



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição **9 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, sábado, 9 de abril de 2011

O ESTADO DE SÃO PAULO O aumento do IOF é positivo só para a receita da União VEICULAÇÃO NACIONAL	1
FOLHA DE SÃO PAULO Presidente do BNDES exorta industriais a criticar câmbio VEICULAÇÃO NACIONAL	2
FOLHA DE SÃO PAULO Presidente do BNDES critica política oficial para o dólar VEICULAÇÃO NACIONAL	3
FOLHA DE SÃO PAULO Foco do governo é o capital especulativo..... VEICULAÇÃO NACIONAL	4
FOLHA DE SÃO PAULO Incentivo para tablet no país ainda é dúvida..... VEICULAÇÃO NACIONAL	5
O GLOBO Realismo na viagem de Dilma à China VEICULAÇÃO NACIONAL	6
O GLOBO Dólar recua mais 0,63% e agora vai a R\$1,574 VEICULAÇÃO NACIONAL	7
O GLOBO Na China, mais rigor nas exportações VEICULAÇÃO NACIONAL	8
O GLOBO Missão pedirá comércio bilateral maior VEICULAÇÃO NACIONAL	9

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO O aumento do IOF é positivo só para a receita da União		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Apesar do otimismo oficial, o governo está de fato preocupado com as pressões inflacionárias. Mas adota medidas macroprudenciais sem se dar ao trabalho de examiná-las com cuidado. O aumento do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) de 1,5% para 3% nos empréstimos destinados a pessoas físicas é um bom exemplo dos inconvenientes de uma medida mal estudada.

De fato, essa medida poderia reduzir a demanda doméstica - o que seria necessário no momento -, admitindo que medidas paralelas sejam tomadas para reduzir o poder aquisitivo da população. Existem muitos canais alternativos para escapar do ônus da elevação do IOF. Seu efeito real cairá nas operações de crédito consignado, que até agora tiveram importante papel na demanda doméstica e que, mesmo com o aumento do IOF, continuarão com taxas de juros atraentes. Já mostramos aqui, ontem, que a alta do IOF afeta pouco as prestações de bens de valor reduzido, o que indica que muito mais eficiente do que aumentar a tributação seria a redução dos prazos das vendas a crédito.

É evidente que o uso dos cartões de crédito com pagamento parcelado sem juros será o meio mais eficiente para escapar do aumento do IOF. Os bancos que realizavam suas operações com pessoas físicas poderão transferir os recursos dessa modalidade para as empresas, que terão a possibilidade de oferecer financiamento a sua clientela.

À primeira vista, o setor mais atingido seria o das vendas de automóveis. No entanto, como as operações de leasing estão fora da nova tributação, é possível que o nível das vendas de veículos se mantenha elevado.

A medida exclui os empréstimos imobiliários, que hoje têm grande importância no crédito total às pessoas físicas. No máximo, essa elevação do IOF poderá levar muitas famílias a gastar mais com imóveis do que gastariam com outros bens de consumo, duráveis ou não. Isso não vai reduzir o crescimento do crédito para 15%, como quer o Banco Central.

A medida tem, porém, um efeito indubitável: aumenta as receitas do Governo Federal, que costuma vincular seus gastos a essa evolução. Poderemos cumprir a meta do superávit primário, mas a liquidez derivada desses gastos criará um quadro favorável a um aumento das pressões inflacionárias, que se pretendeu combater.

Errata: No editorial do dia 7 de abril publicamos dados do IC-Br (cotações de commodities) como se fossem do IBC-Br (índice de atividade econômica), divulgado apenas até janeiro. Pedimos desculpas por essa troca de siglas, que, todavia, não altera o raciocínio ali exposto.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Presidente do BNDES exorta industriais a criticar câmbio		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Em reunião em SP, Luciano Coutinho, do BNDES, exortou empresários a protestar contra a política cambial do Ministério da Fazenda e do BC, relatam Valdo Cruz e Sheila d'Amorim.

Para Coutinho, Fazenda e BC abandonaram compromisso de manter o câmbio em R\$ 1,65 por causa da inflação. O dólar fechou ontem a R\$ 1,57.

Presidente do BNDES critica política oficial para o dólar

Coutinho sugere mobilização de empresários para pressionar o governo

Uso da valorização do real em relação à moeda estrangeira para conter a inflação prejudica indústria, diz executivo

VALDO CRUZ

SHEILA D'AMORIM

DE BRASÍLIA

O presidente do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), Luciano Coutinho, criticou ontem numa reunião fechada com empresários a estratégia usada pelo governo para lidar com a valorização do real em relação ao dólar.

Segundo a Folha apurou, Coutinho disse aos empresários que o governo desistiu de conter o dólar num patamar de R\$ 1,65 porque o câmbio pode ajudá-lo a combater a inflação, apesar dos prejuízos que o real forte traz às indústrias que enfrentam a competição das importações.

Coutinho afirmou que "a indústria está sendo destruída" com a taxa de câmbio atual e defendeu "uma mobilização de toda indústria para combater isso", de acordo com participantes do encontro, realizado em São Paulo.

"O governo tinha o compromisso de sustentar o câmbio em R\$ 1,65 e isso está sendo abandonado devido à inflação", disse a empresários.

O dólar fechou ontem cotado a R\$ 1,57. Descontada a inflação, ele se encontra atualmente no nível mais baixo registrado desde que o governo abandonou o regime de câmbio fixo adotado no início do Plano Real.

As afirmações de Coutinho surpreenderam os empresários e expuseram as divisões existentes na equipe da presidente Dilma Rousseff sobre a estratégia do governo.

O presidente do BNDES afirmou acreditar que falava em nome de outros ministros, citando o do Desenvolvimento, Fernando Pimentel, "com quem sou muito afinado", e o da Ciência e Tecnologia, Aloizio Mercadante.

Coutinho, Pimentel e Mercadante participam todo mês de um encontro com um grupo de empresários criado pela CNI (Confederação Nacional da Indústria) para difundir a inovação tecnológica. Pimentel e Mercadante faltaram à reunião ontem, mas enviaram representantes.

No início desta semana, ao anunciar novas medidas cambiais, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, deixou claro que alguma valorização do real é inevitável por causa do excesso de dólares no mercado internacional.

Mantega disse que o governo não quer tomar medidas "drásticas" e prefere errar para menos do que para mais ao calibrar a taxa de câmbio, por ter medo de "efeitos colaterais".

A equipe de Dilma chegou a analisar a hipótese de adotar "as medidas mais drásticas", mas optou por deixá-las de lado para priorizar agora o combate à inflação.

Procurado pela Folha, Coutinho disse, por meio de sua assessoria de imprensa, que sua manifestação no encontro com os empresários "não foi uma crítica à condução da política cambial".

Logo após o encontro em São Paulo, o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, divulgou nota com declarações na linha defendida por Coutinho: "O governo precisa tomar medidas duras e radicais, sob o risco de termos no Brasil só bancos".

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Presidente do BNDES critica política oficial para o dólar		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Coutinho sugere mobilização de empresários para pressionar o governo

Uso da valorização do real em relação à moeda estrangeira para conter a inflação prejudica indústria, diz executivo

VALDO CRUZ

SHEILA D'AMORIM

DE BRASÍLIA

O presidente do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), Luciano Coutinho, criticou ontem numa reunião fechada com empresários a estratégia usada pelo governo para lidar com a valorização do real em relação ao dólar.

Segundo a Folha apurou, Coutinho disse aos empresários que o governo desistiu de conter o dólar num patamar de R\$ 1,65 porque o câmbio pode ajudá-lo a combater a inflação, apesar dos prejuízos que o real forte traz às indústrias que enfrentam a competição das importações.

Coutinho afirmou que "a indústria está sendo destruída" com a taxa de câmbio atual e defendeu "uma mobilização de toda indústria para combater isso", de acordo com participantes do encontro, realizado em São Paulo.

"O governo tinha o compromisso de sustentar o câmbio em R\$ 1,65 e isso está sendo abandonado devido à inflação", disse a empresários.

O dólar fechou ontem cotado a R\$ 1,57. Descontada a inflação, ele se encontra atualmente no nível mais baixo registrado desde que o governo abandonou o regime de câmbio fixo adotado no início do Plano Real.

As afirmações de Coutinho surpreenderam os empresários e expuseram as divisões existentes na equipe da presidente Dilma Rousseff sobre a estratégia do governo.

O presidente do BNDES afirmou acreditar que falava em nome de outros ministros, citando o do Desenvolvimento, Fernando Pimentel, "com quem sou muito afinado", e o da Ciência e Tecnologia, Aloizio Mercadante.

Coutinho, Pimentel e Mercadante participam todo mês de um encontro com um grupo de empresários criado pela CNI (Confederação Nacional da Indústria) para difundir a inovação tecnológica. Pimentel e Mercadante faltaram à reunião ontem, mas enviaram representantes.

No início desta semana, ao anunciar novas medidas cambiais, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, deixou claro que alguma valorização do real é inevitável por causa do excesso de dólares no mercado internacional.

Mantega disse que o governo não quer tomar medidas "drásticas" e prefere errar para menos do que para mais ao calibrar a taxa de câmbio, por ter medo de "efeitos colaterais".

A equipe de Dilma chegou a analisar a hipótese de adotar "as medidas mais drásticas", mas optou por deixá-las de lado para priorizar agora o combate à inflação.

Procurado pela Folha, Coutinho disse, por meio de sua assessoria de imprensa, que sua manifestação no encontro com os empresários "não foi uma crítica à condução da política cambial".

Logo após o encontro em São Paulo, o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, divulgou nota com declarações na linha defendida por Coutinho: "O governo precisa tomar medidas duras e radicais, sob o risco de termos no Brasil só bancos".

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Foco do governo é o capital especulativo		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

DE BRASÍLIA

Ciente de que não vai conter a tendência de apreciação do real, a equipe econômica do governo está tentando fechar brechas que possam gerar uma queda abrupta do valor do dólar no curto prazo.

A preocupação é que, no futuro, uma reviravolta do cenário internacional leve a uma desvalorização acentuada e repentina do real, o que causaria estragos na inflação.

Interlocutores do governo têm afirmado que "o real está se movendo, vai continuar, mas tem que ser devagar porque se não a volta pode ser forte".

Para a equipe econômica, não há medida que possa ser tomada que vá reverter uma tendência mundial de desvalorização do dólar frente a outras moedas.

O foco inicial da equipe econômica é o capital especulativo - diante de uma das maiores taxas de juros no

mundo e com dinheiro em excesso no mercado internacional, o ingresso de recursos no país bateu recorde neste ano.

Ao tentar inibir esse fluxo de recursos, Fazenda e Banco Central atacam, ao mesmo tempo, dois problemas: a apreciação exagerada do real e a oferta abundante de crédito, que sanciona alta de preços.

Como os juros estão baixos lá fora, as captações externas têm sido fonte de recursos para empréstimos e financiamentos concedidos pelos bancos.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Incentivo para tablet no país ainda é dúvida		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

DE SÃO PAULO

Embora a Apple já tenha dado os primeiros passos para trazer os componentes para fabricar o iPad no Brasil, os incentivos para a fabricação ainda são uma incógnita.

Segundo a Folha apurou, fabricantes como Positivo, Itautec, Samsung e da Abinee (Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica) estiveram na semana passada com o secretário da Receita Federal, Carlos Alberto Barreto, para discutir estímulos à produção nacional, mas nada foi definido.

O principal objeto de discussão é o PPB (Processo Produtivo Básico) que vai determinar quais partes podem ser importadas e os incentivos fiscais.

Os fabricantes pedem classificação de notebooks, com isenção de 9,25% de PIS e Cofins.

No entanto, para a Receita, notebooks são apenas os aparelhos que possuem teclado.

Outra possibilidade é que os tablets tenham um PPB próprio, o que os faria perder a isenção.

Barreto pediu 15 dias para discutir o tema.

A importação dos componentes do iPad, porém, não foi "no escuro".

A opção da Foxconn foi trazer os componentes desmontados no formato conhecido pela indústria como CKD, em que todas as etapas de montagem são feitas por aqui.

Com isso, não haveria o risco de perder os incentivos caso o governo decida pela montagem completa local, em vez dos formatos importados pré-montados (SKD). (CF)

	VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO Realismo na viagem de Dilma à China		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

No dia 25 de agosto de 1961, o vice-presidente João Goulart estava em visita à China quando o presidente Jânio Quadros renunciou. Seguiu-se uma longa crise política que desembocou na Revolução de 1964. Segunda-feira, quase 50 anos depois, chega à China a presidente Dilma Rousseff, que lutou contra a ditadura militar instaurada em 64. O Brasil é hoje uma democracia consolidada, e Dilma pode viajar descansada em relação a sustos institucionais no país.

Por outro lado, ela precisará de muita habilidade se quiser tratar do tema dos direitos humanos - um dos esboços de sua política externa e responsável por uma sensível mudança de rumo em relação à de seu mentor e predecessor, o ex-presidente Lula. A China, mais conhecida pelo crescimento selvagem de sua economia capitalista, é uma ditadura do Partido Comunista capaz de atropelar com bulldozers os direitos humanos. Tanto que censura a internet, e, em seguida às rebeliões na Tunísia e no Egito, que levaram à queda de ditadores, a palavra rebelião "sumiu" das ferramentas de busca chinesas.

Dilma chega pouco mais de uma semana depois da prisão de um dos mais importantes dissidentes, Ai Weiwei, um dos autores do projeto do famoso estádio olímpico de Pequim, o Ninho do Pássaro. Ele é um crítico afiado do Partido Comunista da China e está sendo acusado, genericamente, de "crimes econômicos". A presidente poderá ficar tentada a juntar sua voz à dos que reclamam a libertação de Ai Weiwei. Em todo caso, se preferir silenciar, seu silêncio será melhor que a atitude de Lula em Cuba no ano passado, quando morreu um dissidente preso e o ex-presidente culpou a greve de fome que ele fazia.

Caiu no colo de Dilma outro aspecto delicado da relação bilateral, diretamente herdado do governo Lula. Em 2004, durante a visita a Brasília do presidente Hu Jintao, Lula prometeu-lhe, no espírito da política externa companheira que era sua marca registrada, que o Brasil reconhecera a China como economia de mercado. O flagrante exagero - o país foi o único a levantar essa tese - pareceu destinado a criar uma relação especial com Pequim, com base na tosca visão da existência de um choque entre "ricos" e "pobres". Realisticamente, o tema não consta da agenda da presidente em terras chinesas.

O que conta mais é que a China e o Brasil são a segunda e a sétima economias do mundo, integram o BRIC (países emergentes) e têm muitos interesses mútuos, mas outras tantas divergências também. A China se tornou, desde 2009, a principal parceira comercial do Brasil, superando os EUA. As relações comerciais entre os dois países cresceram 47,5% entre 2008 e 2010, segundo a Câmara de Comércio Brasil-China, com um superávit de US\$5 bilhões a nosso favor. Isto se dá porque Pequim tem imenso apetite por matérias-primas. Mas os produtos manufaturados, de maior valor agregado, perderam espaço em nossas exportações para lá e outros mercados. Em grande parte porque o governo chinês mantém a moeda subvalorizada, o que encarece os produtos brasileiros. Nesse ponto, sim, é esperado que Dilma faça coro aos demais líderes mundiais e reclame mais realismo na política cambial chinesa.

	VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO Dólar recua mais 0,63% e agora vai a R\$1,574		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Moeda cai pelo segundo dia seguido e acumula queda de 5,52% no ano. Bancos apostam na alta da cotação

Lucianne Carneiro

O dólar caiu 0,63% ontem - a segunda queda seguida - para R\$1,574, e atingiu o menor nível desde 5 de agosto de 2008, quando também tinha fechado a R\$1,574. Em 4 agosto do mesmo ano, a cotação fechou a R\$1,562. A moeda americana acumula desvalorização de 2,35% na semana e 5,52% no ano. A desvalorização do dólar tem sido reforçada pelo aumento da aposta dos investidores estrangeiros na queda da moeda americana - considerando suas posições no mercado futuro -, enquanto os bancos acreditam na alta do dólar - considerando as posições na Bolsa de Mercadorias & Futuros e no mercado à vista.

Considerando as posições nesses diferentes mercados, os bancos tinham posição comprada - apostavam na alta do dólar - de US\$2,969 bilhões no dia 28 de março. Já os investidores não residentes tinham posição vendida - que espera queda da moeda americana - de US\$14,630 bilhões. No dia 7 de abril, esses números subiram, respectivamente, para US\$4,779 bilhões e US\$17,462 bilhões.

- Desde o início da semana passada, o Banco Central aliviou as compras de dólar e mudou o discurso, deixando a moeda escorregar para ajudar a inflação. Mas os bancos ainda acreditavam que a autoridade monetária seria firme ao segurar a moeda, enquanto os investidores estrangeiros

apostam mais nos fundamentos de que o dólar vai cair - apontou o tesoureiro do Banco Modal, Luiz Eduardo Portella.

Analistas acreditam em dólar a R\$1,55 a curto prazo

Esse movimento, segundo Portella, tem intensificado a apreciação do real e deve continuar nos próximos dias. Entre 28 de março e ontem, o dólar caiu 5,29%, oscilação muito próxima à registrada no ano, com queda de 5,52%.

Deve levar um tempo até que os bancos ajustem as posições para a nova postura do BC. Enquanto isso, são os investidores estrangeiros que têm sido os maiores beneficiados com a desvalorização do dólar.

Por causa desse cenário, o tesoureiro do Banco Modal acredita que o dólar pode atingir R\$1,55 a curto prazo, possibilidade também considerada pelo operador da B&T Corretora de Câmbio Marcos Trabbold:

- O patamar do dólar está bem baixo, mas pode chegar a R\$1,55. Há uma certa antecipação de operações também por temor de novas medidas.

	VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO Na China, mais rigor nas exportações		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Empresários reclamam de venda cruzada para fugir da taxa antidumping

Eliane Oliveira

BRASÍLIA. Em sua visita à China, que começa nesta segunda-feira, a presidente Dilma Rousseff pedirá mais rigor às autoridades daquele país na fiscalização de produtos exportados para o Brasil que estão sujeitos, atualmente, a tarifas antidumping. Segundo técnicos que trabalham nos preparativos da viagem, além do contrabando e da pirataria, agora a indústria brasileira se vê às voltas com o crescimento vertiginoso da chamada triangulação.

O diretor de Comércio Exterior da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Roberto Giannetti da Fonseca, citou como exemplo a escova de cabelos. Com o antidumping aplicado pelo governo brasileiro, 95% das que saíam da China agora vêm de Taiwan, que não produz escovas de cabelo.

Movimento contra as importações chinesas

Outro caso gritante, observou Giannetti, está na indústria ótica. As autoridades chinesas informam que foram exportadas para o Brasil 20 milhões de unidades no ano passado. Mas só foi registrada a chegada ao Brasil de quatro milhões:

- Cadê os outros 16 milhões de óculos?

Fraudes em contêineres, notas fiscais frias, ilícitos diversos tornam ainda mais desigual a concorrência com os chineses e estão unindo empresários e trabalhadores aqui contra a China.

Começa a surgir um movimento no Brasil contra as importações chinesas. Dentro e fora do governo, há correntes que defendem que a relação deve ser revista urgentemente. E isso inclui não se curvar mais às pressões chinesas para que o governo brasileiro reconheça oficialmente o país asiático como economia de mercado.

- O governo teria de avaliar melhor a posição do Brasil em relação a Pequim. Somos vulneráveis, inferiorizados, por causa da perda de competitividade em função do elevado custo Brasil. E não estamos aplicando, como deveríamos, medidas de defesa comercial - afirmou o diplomata e consultor Rubens Barbosa, ex-embaixador brasileiro nos Estados Unidos.

O embaixador da China no Brasil, Qiu Xiaoj, disse que o seu país quer uma ação conjunta internacional de combate à pirataria. Segundo ele, os princípios da China são claros.

- Este é um problema que afeta todo mundo. Queremos uma estratégia de cooperação internacional contra a falsificação. Este não é um fenômeno de um ou dois países. É preciso agir a nível internacional.

COLABOROU Vivian Oswald

	VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO Missão pedirá comércio bilateral maior		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Uma das propostas é fazer do Brasil uma plataforma de negócios

BRASÍLIA. A transformação do Brasil em uma plataforma de exportações de manufaturados como eletroeletrônicos e automóveis para terceiros mercados está no rol de propostas a serem levadas a Pequim pelos empresários que acompanharão a visita da presidente Dilma Rousseff à China, a partir de segunda-feira.

- O Brasil tem como vantagem o tamanho de seu mercado e uma estrutura industrial diversificada - ressaltou o diretor-executivo da Confederação Nacional da Indústria (CNI), José Augusto Fernandes.

Estarão na missão 237 empresários brasileiros dos mais variados setores. Outro tema a ser debatido consiste na

ampliação do comércio bilateral e nas oportunidades de investimentos nos dois países.

Desde abril de 2009, a China passou a ser o maior parceiro comercial do Brasil, superando os Estados Unidos. No ano passado, a balança bilateral repetiu praticamente o superávit de 2009 para o lado brasileiro, registrando US\$5,1 bilhões. Em 2010, o Brasil vendeu à China US\$30,7 bilhões, 46,5% mais do que no ano anterior, e importou de lá 60,8% a mais, no valor de US\$25,5 bilhões. O mercado chinês representa 15,2% das exportações totais do Brasil. (Eliane Oliveira)